

II CONGRESSO DO CONHECIMENTO

**DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E DIVERSIDADE E
ACESSIBILIDADE NO SÉCULO XXI - I**

D598

Direitos humanos, gênero e diversidade e acessibilidade no século XXI - I [Recurso eletrônico on-line] organização II Congresso do Conhecimento – Belo Horizonte;

Coordenadores: Caio Augusto Souza Lara, Maria Carolina Ferreira Reis e Pedro Gustavo Gomes Andrade – Belo Horizonte, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-879-0

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Empreendedorismo e inovação

1. Conhecimento. 2. Empreendedorismo. 3. Inovação. I. II Congresso do Conhecimento (1:2019 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



II CONGRESSO DO CONHECIMENTO

DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE NO SÉCULO XXI - I

Apresentação

É com imensa satisfação que apresentamos os trabalhos científicos incluídos nesta publicação. Eles foram apresentados durante a programação do II Congresso do Conhecimento, nos dias 11 a 14 de setembro de 2019, em Belo Horizonte-MG. O evento proporcionou importante debate sobre a educação na era tecnológica como um dos grandes desafios enfrentados pelos profissionais do século XXI. A temática se coloca em evidência no ensino superior, em que as metodologias tradicionais ainda ocupam lugar importante nas salas de aula, contrastando com o perfil do aluno cada vez mais jovem e conectado.

Como vencer esse desafio e construir um ensino superior de excelência e que atenda às necessidades impostas pela tecnologia? A busca por esta resposta foi o que motivou a primeira edição do Congresso do Conhecimento, no ano de 2017. A temática específica escolhida para a segunda edição do evento, neste ano, foi empreendedorismo e inovação. A partir do tema, o congresso buscou debater questões como empreendedorismo de carreira, programação neurolinguística, empreendedorismo social, inteligência artificial, dentre outros temas. Além das palestras e oficinas, a segunda edição do Congresso contou também com a participação mais ativa dos congressistas, que puderam submeter trabalhos científicos para apresentação em oito grupos temáticos.

O II Congresso do Conhecimento foi uma realização conjunta da Dom Helder - Escola de Direito e da EMGE – Escola de Engenharia, tendo como apoiadores o Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (CONPEDI), a Secretaria de Educação do Governo do Estado de Minas Gerais, a Neo Ventures, o SEBRAE, a Cozinha Vitrine e a Estrutura da Mente.

A apresentação dos trabalhos abriu caminho para uma importante discussão, em que os pesquisadores, oriundos de cinco Estados diferentes da Federação, puderam interagir em torno de questões teóricas e práticas, levando-se em consideração a temática central de cada grupo. Foram debatidos os desafios que as linhas de pesquisa enfrentam no momento e sua relação com a tecnologia e o tema geral do evento.

Na coletânea que agora vem a público, encontram-se os resultados de pesquisas desenvolvidas em diversas instituições de nível superior, notadamente as pesquisas oriundas

dos programas de iniciação científica, isto é, trabalhos realizados por graduandos em Direito e seus orientadores. Os trabalhos foram rigorosamente selecionados, por meio de dupla avaliação cega por pares no sistema eletrônico desenvolvido pelo CONPEDI. Desta forma, estão inseridos no universo das 75 (setenta e cinco) pesquisas do evento ora publicadas, que guardam sintonia direta com este Grupo de Trabalho.

Agradecemos a todos os pesquisadores pela sua inestimável colaboração e desejamos uma ótima e proveitosa leitura!

TRANSFEMINICIDIO: O ASSINATO DE MULHERES TRANS NO BRASIL

TRANSFEMICIDE: THE MURDER OF TRANS WOMEN IN BRAZIL

Luisa Fonseca Lemos Magalhães

Resumo

O assassinato de mulheres trans é muito presente no mundo e o Brasil é o país que mais comete transfeminicídio no mundo. A pesquisa tem o objetivo de analisar esses assassinatos e sua relação com o preconceito o ódio presente e enfatizado pela sociedade atual. Nesse texto o marco teórico, ponto inicial, é da ativista trans Duda Salabert que fala sobre a desumanização das pessoas trans na sociedade atual. A fala se relaciona com os assassinatos de mulheres trans pois o preconceito e ódio que leva a desumanização da população trans leva também ao assassinato de grande número dessas mulheres.

Palavras-chave: Transgêneros, Assassinato, Violência, Preconceito, Ódio

Abstract/Resumen/Résumé

The murder of trans women is very present in the world, Brazil is the country that commits the most transfemicide. The research aims to analyze these murders and their relation with the prejudice and the hate present and emphasized by the present society. In this text the theoretical framework, is from the trans activist Duda Salabert that talks about the dehumanization of trans people in currant society. The speech relates with the murder of trans women because the prejudice and hate that leads to the dehumanization of this population leads to the murder of a great number of those women.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Transgender, Murders, Violence, Prejudice, Hate

LGBT é a principal sigla que representa diversidade sexual e de gênero, lésbicas, gays e bissexuais representam orientações sexuais e transexuais representa identidade de gênero. O sexo biológico é o que a pessoa foi designada ao nascer é determinado pelas genitais, sistema reprodutivo, cromossomos e hormônios. Já a identidade de gênero é quem a pessoa realmente é, a maneira como ela se enxerga, podendo ser homem, mulher, gênero neutro, bigênero, independente do gênero biológico. Para a maioria das pessoas o sexo biológico corresponde com a identidade de gênero, desse modo nasce com os órgãos sexuais femininos e se identifica como mulher ou nasce com os órgãos masculinos e se identifica como homem, essas pessoas são chamadas de cisgêneros. Contudo para nem todas as pessoas é assim que ocorre.

Pessoas transgêneros são pessoas que não são cisgênero, ou seja, são todas as pessoas que a identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico. Grande parte das vezes essas pessoas essas pessoas se sentem desconfortáveis no seu corpo por não se identificarem com ele. Devido a isso muitas pessoas se portam, se vestem, adotam características que são consideradas típicas do gênero com o qual se identificam, muitas vezes até fazendo terapias hormonais, procedimentos e cirurgias plásticas ou de redesignação sexual, para que seus corpos se adequem ao gênero com o qual se identificam.

Existem diversos tipos de pessoas transgêneras de acordo com Hellen Leite com ajuda da psicóloga Isabel Amora do Hospital Universitario de Brasília (HUB) para o correio brasiliense. A classificação quanto ao sexo biológico e identidade de gênero é MTF (male to female), masculino para feminino ou ou FTM (female to male) feminino para masculino. Transexual é a pessoa que se identifica com o sexo oposto ao seu biológico e apresenta o desejo de fazer cirurgia ou tratamento hormonal para ter o corpo o mais próximo possível do que se identifica. Travesti é um termo utilizado principalmente na América Latina, Portugal e Espanha, é uma identidade feminina que embora seja um termo divergente para grande parte de comunidade LGBT a travesti apesar de se se vestir com roupas femininas e em muitos casos fazer tratamento hormonal não sente a necessidade de fazer a cirurgia de redesignação. Outras identidades são: não binário, crosdresser, drag queen, drag king. (LEITE)

A transfobia se caracteriza pelo preconceito, violência e ódio pelas pessoas transgêneras. De acordo com Caio Eduardo Costa Cazellato e Valeria Silva Galdino Crdin a respeito do ódio e do discurso de ódio:

São manifestações do pensamento que buscam transmitir e alimentar o ódio, devalorizando, menosprezando, desqualificando, e inferiorizando o ser humano à

condição de objeto. Em suma, essas atitudes insuflam o desrespeito pelo diferente. De fato, o ódio social não é apenas o motivo de conflitos entre os indivíduos isoladamente considerados, mas também em sua coletividade, organizados em grupos, em classes ou mesmo enquanto sociedade, caracterizando-se por sua essência de repulsa advinda de razões sociais. É um sentimento que se direciona para além de sua vítima, já que visa disseminar a cultura do medo e do terror para alcançar indivíduos que coadunam com esse posicionamento ou que se sentem por ele ameaçados. (CAZELATTO e COTRIM, 2019)

O transfeminicídio é uma manifestação desse preconceito e ódio tendo como consequência a morte dessas mulheres. De acordo com a doutora em Sociologia, professora da UnB e pós doutora pela CUNY/EUA Berenice Bento: “O transfeminicídio se caracteriza como uma política disseminada, internacional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo” diz Bento. E mesmo com as inúmeras mortes no Brasil não há nem uma fonte institucional com esses dados, o que há é o acompanhamento de algumas ONGs de ativistas que acompanham matérias jornalísticas sobre a morte dessas pessoas. (BENTO, 2014)

Ainda de acordo com a Pós Doutora:

[...] as mortes das mulheres trans é uma expressão hiperbólica do lugar do feminino em nossa sociedade. O feminino representa tudo aquilo que é desvalorizado socialmente, quando este feminino é encarnado em corpos que nascem com pênis, há um transbordamento da consciência coletiva que é extruturada na crença de que a identidade de gênero é uma expressão do desejo dos cromossomos e dos hormônios. (BENTO, 2014)

Bento ainda sobre o assunto ressalta que as pessoas trans passam por dificuldades para serem reconhecidas desde a infância até a morte. De acordo com ela durante a infância as pessoas trans já são executadas: “Quando as famílias descobrem que o filho ou a filha está se rebelando contra sua natureza e que desejam usar roupas e brinquedos que não são apropriados para o seu gênero, o caminho usado para ‘concerta-lo’ é a violência.”. Mesmo depois de morrer o seu gênero é tirado de si e mesmo os ativistas não enfatizam o gênero ao fazerem a contabilidade dos mortos. (Bento, 2014)

Berenice Bento chega a seis conclusões ao tentar classificar o transfeminicídio: a primeira é que o gênero é o motivador do assassinato não a sexualidade diferente deste. O gênero é algo público, desse modo para a autora é necessário que aja o reconhecimento social, a pessoa publicamente rompe com o normal de gênero. A segunda característica é a ritualização da morte, os corpos são mutilados e desmembrados. A terceira característica e a quarta características são que há uma absoluta impunidade, ausência de processos criminais e as famílias raramente reclamam os corpos. A quinta característica é que suas identidades não são respeitadas após a morte, seja no sepultamento, laudos

médicos ou na mídia seu gênero não é corretamente utilizado. E a última é que as mortes costumam correr em espaços públicos como ruas desertar a noite. Concluindo esse pensamento Bento diz:

Sugiro que a principal função social desse tipo de violência é a espetacularização exemplar. Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam. Da mesma forma que a sociedade precisa de modelos exemplares de herói, os não exemplares, os párias, os seres abjetos também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação. (BENTO, 2014)

Esses violentos e preconceituosos assassinatos também são mais constantes e números do que muitos sabem, contudo, também devido ao preconceito não existem dados oficiais do governo, por isso quase todos os dados são feitos por ONGs, ou instituições internacionais.

De acordo com reportagem especial de Thais Cunha para o Correio Braziliense com dados tirados de pesquisa publicada pela ONG europeia Transgender Europe (TGEu) entre os oito anos de 2008 e 2016:

O Brasil matou ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos, o que deixa, disparado, no topo do ranking de países com mais registros de homicídios de pessoas transgêneras [...] segundo relatório da TGEu, o país registra, em números absolutos mais que o triplo de assassinatos do segundo colocado, o México, onde foram contabilizadas 256 entre janeiro de 2008 e julho de 2016. Em números relativos, quando se olha o total de assassinatos para cada milhão, o Brasil fica em quarto lugar, atrás apenas de Honduras, Guiana e El Salvador. (CUNHA)

Esses dados são apenas números mas representam pessoas que foram mortas, assassinadas muitas vezes de maneira brutal por serem trans. Ainda na reportagem para o Correio Braziliense Thais cunha cita diversos casos de assassinatos de pessoas trans:

Em 2014, no Rio de Janeiro um pai espancou até a morte uma criança de 8 anos, para ensiná-la “a ser homem”. Alex vestia roupas femininas e rebojava enquanto lavava a louça. O monitoramento da TGEu também conta a história de uma garota trans de 13 anos de Araraquara (SP), vítima de exploração sexual, encontrada com 15 facadas pelo corpo, incluindo a cabeça e a face, além de uma fratura no crânio. Em outra ocorrência em 2010 Erica, 14, levou 11 tiros em Maceió. Vanessa, também de 14 anos, recebeu ameaças de morte da própria avó e foi estrangulada, em 2014, em Angélica (MS) (CUNHA)

Esses são algumas das 868 mortes de travestis e transexuais entre 2008 e 2016 e esses assustadores números só contribuem para o também assustador dado da baixa expectativa de vida das pessoas trans que de acordo com dados de 2018 era de 35 anos, enquanto a média da população era de 75 anos. (THOMAS, 2018)

De acordo com o psiquiatra Daniel Mori para a reportagem de Thomas “A expectativa de vida é baixa pela violência, mas não apenas. É muito comum você encontrar pessoas de 30, 40 anos que nunca passaram pelo posto de saúde da região. Elas morrem por não se tratarem” dentre os fatores agravantes para esse número está o HIV, devido ao grande número dessas pessoas que se encontra na prostituição, e a depressão que também é elevada. THOMAS, 2018)

Esse cenário que não é único do Brasil reflete o preconceito, ódio, a marginalização e a desumanização dessa população no mundo, mas principalmente no Brasil.

O problema objeto da investigação científica proposta é: como superar os desafios de reduzir a violência, a criminalidade e o assassinato em função da identidade de gênero? A partir das reflexões preliminares sobre o tema, é possível afirmar inicialmente que a população trans está em situação vulnerável devido ao grande preconceito a população LGBT, especialmente trans, presente na sociedade atual incluindo a e principalmente a brasileira. Devido a isso o mundo tem um alto número de casos de violência e assassinato contra a população trans no mundo. E o Brasil é o país com o maior número desses assassinatos no mundo.

O objetivo geral desse trabalho é analisar os assassinatos de mulheres trans no Brasil, o país que mais mata mulheres trans no mundo, e sua relação com o preconceito com a população trans e com a população LGBT como um todo além disso verificar a transformação deste preconceito em ódio. A pesquisa que se propõe pertence à vertente metodológica jurídico-sociológica. No tocante ao tipo de investigação, foi escolhido, na classificação de Witker (1985) e Gustin (2010), o tipo jurídico-projetivo. O raciocínio desenvolvido na pesquisa será predominantemente dedutivo. De acordo com a técnica de análise de conteúdo, afirma-se que trata-se de uma pesquisa teórica, o que será possível a partir da análise de conteúdo dos textos doutrinários, normas e demais dados colhidos na pesquisa. Como conclusão parcial do trabalho, tem-se que devido principalmente ao preconceito e ao ódio as mulheres trans são desumanizadas e agredidas sendo muitas vezes assassinadas, desse modo reduzindo a expectativa de vida dessas mulheres que é presente em todo o mundo e enfatizado no Brasil.

Referências bibliográficas:

BENTO, Berenice. Brasil: país do Transfemicídio. **Centro Latino-Americano em sexualidade e direitos humanos**, Rio de Janeiro, 04 jun 2019. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfemicidio_Berenice_Bento.pdf. Acesso em: 9 maio 2019.

CAMPOS, Ingrid Zanella Andrade; NETO, Clarindo Empaminondas de Sá. A Cidadania sexual fraterna: Por uma concepção de dignidade para as pessoas “trans” **Revista Jurídica**, Curitiba, vol. 01 nº 50, 2018. Disponível em:

<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/2549/1513>. Acesso em: 9 maio 2019.

CAZELATTO, C E C.; CARDIN, V S G. Do Discurso de Ódio Homotransfóbico e o Direito á Vida dos Transgêneros, *In*: VIEIRA, Tereza Rodrigues (org.). **Transgeneros**. 1 ed. Brasília: Zakarewicz Editora, 2019.

COTRIM, Jonathas. Minas terá a primeira candidata trans ao Senado. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,minas-tera-a-primeira-candidata-trans-ao-senado,70002446673>. Acesso em: 9 maio 2019.

CUNHA, Thaís. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. **Correio Braziliense**, Brasília. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 9 maio 2019.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.

LEITE, Hellen. Transexual, travesti, drag queen... qual é a diferença? **Correio Braziliense**, Brasília. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexual-travesti-drag-queen-qual-e-a-diferenca>. Acesso em: 9 maio 2019.

THOMAS, Danilo. Reduzida por homicídios, a expectativa de vida de um transexual no brasil é de apenas 35 anos. **Época**, 31 jan 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidios-expectativa-de-vida-de-um-transexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>. Acesso em: 9 maio 2019.

VIEIRA, Tereza Rodrigues (org.). **Transgeneros**. 1 ed. Brasília: Zakarewicz Editora, 2019.

WITKER, Jorge. **Como elaborar uma tesis en derecho: pautas metodológicas y técnicas para el estudiante o investigador del derecho**. Madrid: Civitas, 1985